RELICI

200 FILMES PARA 200 ANOS DE INDEPENDÊNCIA DO BRASIL: UMA REFERÊNCIA PARA REFLEXÃO HISTÓRICA[1]

200 FILMS FOR 200 YEARS OF INDEPENDENCE OF BRAZIL: A REFERENCE FOR HISTORICAL REFLECTION

Maria Edivania Alves dos Santos[2]

Weverton Paulo dos Santos[3]

Cristiano Mezzaroba[4]

O livro “200 filmes para 200 anos de Independência do Brasil: uma referência para reflexão histórica” escrito pelo Prof. Dr. Hamilcar Silveira Dantas Junior, foi lançado pela editora CRV em 2023[5]. A escrita do livro ocorre durante o ano de 2022, período em que o Brasil vivenciava um contexto de violência política com ataques à democracia e os efeitos devastadores da pandemia – nos planos social, econômico, sanitário. No dia 7 de setembro deste mesmo ano também se comemorava os 200 anos da Independência do Brasil, e diante da realidade brasileira daquele momento e inspirado por uma reportagem publicada na *Folha de São Paulo*, em 2022, referente a 200 livros sobre o Brasil após 200 anos de independência, o autor realizou um levantamento de filmes que tematizassem acontecimentos do passado brasileiro.

O Prof. Dr. Hamilcar Silveira Dantas Junior é um dedicado educador e pesquisador nos estudos em Cinema, História e Esporte. Atualmente é professor

[1] Recebido em 05/12/2024. Aprovado em 19/12/2024. DOI: doi.org/10.5281/zenodo.14567228
[2] Universidade Federal de Sergipe. mariaedivania22@hotmail.com
[3] Universidade Federal de Sergipe. weverton.paulo1@gmail.com
[4] Universidade Federal de Sergipe. cristiano_mezzaroba@yahoo.com.br
[5] Destacamos um erro da editora com relação à data de publicação da obra, embora no catálogo do livro e na contracapa apareça o ano de 2022, a apresentação e o prefácio estão datados entre fevereiro e março de 2023.

Titular da Universidade Federal de Sergipe (UFS), atuando no Departamento de Educação Física (DEF/UFS) e no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Cinema e Narrativas Sociais da UFS (PPGCINE/UFS). É licenciado em Educação Física pela UFS (1997), Mestre em Educação pela UFS (2003) e Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (2008). Historiador (Registro profissional nº 0017/SE). Também é membro-pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Estado de Sergipe" (NPSE/UFS) e do Observatório da Mídia Esportiva (OME/UFS). Tem experiência na área de Educação Física e Cinema, com ênfase em História da Educação Física e do Esporte, bem como, na relação Cinema-História e Cinema e Esporte.

Instigado pelo seu instinto de pesquisador e historiador, inquieto com o atual cenário sociopolítico e apreensivo com o panorama da pandemia de covid-19, o autor questiona: temos o que comemorar 200 anos após a independência? E sua resposta vem repleta de possibilidades audiovisuais com "filmes históricos", "filmes de ambientação histórica" e "documentários históricos" de 1929 a 2022, películas que possibilitam o(a) espectador(a) olhar para o passado, mesmo que de forma ficcional. Em seu livro, os filmes são fontes históricas instrumentalizadas para uma leitura crítica da sociedade brasileira.

A seleção das películas publicadas no livro busca utilizar a "[...] cinematografia como ferramenta que estimule o refletir, que abra portas para se aproximar dos fatos, que incentive as pessoas a conhecerem mais" (Dantas Junior, 2023, p. 29) sobre o Brasil e as narrativas de sua história engendrada na violência, justificadas na intolerância às diferenças sociais, raciais de gênero, orientação sexual etc. Contudo, o autor pontua que "cinema não é História", e que os filmes são obras de arte que tematizam e representam acontecimentos e sujeitos que viveram em determinado

contexto sociocultural, sendo a produção cinematográfica também influenciada pela perspectiva de quem as produz (Dantas Junior, 2023).

O trabalho do Prof. Dr. Hamilcar que culminou no livro iniciou com postagens diárias na rede social *Instagram*, e a pedido da Prof.ª Dra. Anamaria Gonçalves Bueno Freitas[6] foram transformados em um livro. Assim, a obra configura-se como um catálogo de filmes nacionais que apresentam como tema central o cinema e a história da sociedade brasileira. A produção amplia as possibilidades de diálogos sobre o tema e contempla leitores de um modo geral, cinéfilos, docentes e pesquisadores.

O livro conta com a apresentação realizada pela Prof.ª Dra. Anamaria Gonçalves Bueno Freitas, o prefácio elaborado pelo Prof. Dr. José D'Assunção Barros, a introdução à obra, 29 seções temáticas e as considerações finais do autor. Inicialmente foram listados 318 filmes, após critérios de eliminação o corpus da pesquisa ficou constituído com 200 filmes, categorizados para representar as complexidades históricas, apresentando um retrato amplo do Brasil e garantindo uma diversidade de cineastas e seus mais variados temas e subtemas.

Com um trabalho cuidadoso e minucioso, todos os filmes selecionados foram apreciados pelo pesquisador/professor Dantas Junior (2023). Além disso, todas as obras apresentam ficha técnica, imagem dos cartazes (os *pôsteres* de divulgação dos filmes) e a referência de clássicos da literatura brasileira e da música popular brasileira que inspiraram algumas obras. O catálogo nos possibilita olhar para a formação histórica do país em seu sequestro territorial e cultural, suas lutas, fragilidades, violências na exploração colonial, no mecanismo de miscigenação, no patrimonialismo, no patriarcado, no clientelismo, na discriminação às diferenças culturais, regionais, de classe, de raça, de gênero e orientação sexual etc.

[6] Professora Associada do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe e responsável pela apresentação do livro.

O livro contempla obras que ora se aproximam das narrativas de personagens populares, ora apresenta uma visão romantizada dos acontecimentos narrados, como é possível observar nos filmes: “Dois de julho: um sonho de liberdade”, documentário dirigido por Yuri Rosat (2021) e “Independência ou morte” ficção dirigida por Carlos Coimbra (1972), respectivamente. Também é possível observar que um mesmo diretor pode apresentar formas distintas de narrar sobre uma mesma temática, como a trilogia do diretor Cacá Diegues sobre a escravidão brasileira. O diretor mencionado retrata as lutas dos pretos que fugiam da escravidão para formar o Quilombo em “Ganga Zumba, Rei dos Palmares” (1964) e “Quilombo” (1984), já em “Xica da Silva” (1976), transforma a personagem em mero objeto de fetiche sexual.

Apesar das críticas necessárias a algumas produções cinematográficas, o autor do livro destaca que são obras que podem ser problematizadas levando em consideração o momento de produção dos filmes. Também encontramos os filmes que trazem denúncias, como a obra de Tabajara Ruas, intitulada “Brizola – tempos de luta” (2007) sobre a cumplicidade dos principais meios de comunicação da época, emissora Rede Globo, com a ditadura, e o filme “O caso dos irmão Naves” (1967), dirigido por Luís Sérgio Person, sobre um dos maiores erros judiciários do país.

Assim, passamos pela formação do Brasil, pela Inconfidência Mineira, pelo processo de independência, pelo processo de escravidão, pelo movimento abolicionista nacional, a abolição da escravatura, a Guerra do Paraguai, as insurreições populares (Revolta dos Malês, Cabanagem, Revolução Farroupilha, Revolta do Mucker, Guerra de Canudos, Revolta da Vacina, os conflitos de terra no norte do Goiás e a Guerra do Contestado), a Revolução de 1930 e o Estado Novo, da Democratização de 1946 ao golpe cívico-militar de 1964, a ditadura militar e seus horrores (seção com o maior número de produções, 20 filmes, ratificando a

importância do tema para a sociedade brasileira e que ganha destaque para o Prof. Dr. Hamilcar).

Seguimos para a redemocratização, destacando as manifestações pelas Diretas Já e a luta pela democracia, o surgimento da “Democracia Corintiana”, movimento liderado pelos jogadores Sócrates, Casagrande e Vladimir, o plano de recuperação econômica de Collor e a ascensão da maior liderança popular da história do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva, que lançou o maior programa de inclusão social nacional. Posteriormente, deparamo-nos com o golpe de 2016, que derrubaria a presidenta democraticamente eleita, Dilma Rousseff. Petra Costa narra em “Democracia em vertigem” (2019) as últimas décadas de história política nacional, retratando os bastidores do *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff. Ali, nasceu a ascensão do neofascismo, que culminou na eleição de Jair Bolsonaro em 2018.

O livro também apresenta obras que: (a) discutem as dificuldades e impacto dos imigrantes asiáticos e europeus no país, como o filme “Aleluia, Gretchen”, dirigido por Sylvio Back (1976), retratando o nazismo no Brasil; (b) apresentam os migrantes das regiões mais remotas do país, destacando os moradores da região nordeste com suas peculiaridades, entre elas a falta de acesso a água potável, e que vão para as grandes cidades trabalhar em empregos subalternos, indesejados pela classe média. Aludimos algumas das obras consideradas obrigatórias pelo autor: “Vidas secas” (1963) dirigido por Nelson Pereira dos Santos, “Viramundo” (1965) de Geraldo Sarno e “Morte e Vida Severina” (1977) de Zelito Viana.

Também destaca a questão dos povos originários e o etnocídio no âmbito nacional, com ênfase no processo de extermínio de diversas etnias, caracterizando uma manifestação que se perpetua há mais de 500 anos, desde a chegada dos colonizadores europeus. Esse processo foi intensificado entre 2019 e 2022, período marcado pelo avanço de uma lógica predatória neoliberal, evidenciada pelo incentivo

ao desmatamento, pela invasão de terras indígenas e pela perseguição a ativistas ambientais, características que marcaram o governo de Jair Messias Bolsonaro.

“Avaeté: semente de vingança” (1985), de Zelito Viana, escancara o etnocídio contra os povos originários. Zelito tentou, durante a ditadura militar, realizar um filme que denunciasse o massacre no paralelo 11[7], mas foi impedido pela censura e pela falta de financiamento. Em “Avaeté”, o diretor apresenta um grupo de pistoleiros a serviço de uma madeireira que massacram uma aldeia inteira de indígenas avaetés para tomar posse de suas terras. Ramiro, cozinheiro do grupo, se revolta e foge, salvando a vida de um pequeno indígena que posteriormente iniciou uma solitária vingança contra os matadores brancos. “Em tempos de banalização da grilagem, garimpagem, e desmatamento, de incentivo ao extermínio indígena, ‘Avaeté’ é obrigatório.” (Dantas Junior, 2023, p. 175).

Em relação aos aspectos étnicos e que envolvem o racismo no Brasil, temos no catálogo filmes sobre a condição da população preta e o racismo estrutural. O racismo no Brasil não se resume a um legado automático de 350 anos de escravidão. Trata-se de uma forma sistêmica de discriminação baseada na ideia de raça, que não segue uma linha histórica contínua do período escravocrata. As manifestações atuais do racismo são expressões concretas da estrutura do capitalismo e da lógica avançada moderna, como evidenciado nos frequentes assassinatos de pessoas negras, em sua maioria residentes de áreas negligenciadas pelo Estado.

No Brasil, o racismo é, acima de tudo, estrutural. “[...] o racismo não é uma exceção, seja individual ou institucional, mas a regra!" (Dantas Junior, 2023, p. 194). Alguns cineastas pretos e pretas têm ocupado papel relevante combatendo essa

[7] O Massacre do Paralelo 11, ocorrido nas cabeceiras do rio Aripuanã, foi um ataque brutal contra os indígenas Cinta Larga, promovido por pistoleiros contratados por uma empresa de extração de látex que explorava a região. O episódio resultou em cerca de 3.500 (três mil e quinhentas mortes), tornando-se um símbolo de violência sistemática contra os povos originários no Brasil.

estrutura racista nacional. Dantas Junior destaca os seguintes cineastas e suas respectivas obras. “A negação do Brasil” (2000) de Joel Zito, “Cruz e Sousa – o poeta do Desterro” (2000) de Sylvio Back, “Quanto vale ou é por quilo?” (2005) de Sérgio Bianchi, “Compasso de espera” (1969-1973) de Antunes filho, e “Filhas do vento” (2004) de Joel Zito.

O livro segue apresentando as lutas das mulheres e nossa misoginia estrutural com destaque para as cineastas, Petra Costa, Susana Amaral, Anna Muylaert, Norma Bengell. As condições das pessoas LGBTQIAPNN+ e nossas homo-lesbo-transfobias cotidianas, nas obras “Amor maldito” (1984) de Adélia Sampaio, “Dzi Croquettes” (2009) de Tatiana Issa e Raphael Alvarez, “Madame Satã” (2002) de Karim Ainöuz. As sugestões seguem quanto à condição de trabalho de nossos trabalhadores urbanos (operários) e dos nossos trabalhadores do campo e a violência oligarco-latifundiária, com ênfase para os cineastas Leon Hirzman e Eduardo Coutinho. E também visualizamos a temática que envolve a condição de nossas crianças e adolescentes e do nosso sistema educacional: a crise como projeto, com destaque para o filme “O ano em que meus pais saíram de férias” (2006) de Cao Hamburguer e “Pro dia nascer feliz” (2006) de João Jardim.

Para falar sobre nossos sistemas carcerários e manicomiais, Dantas Junior os classificou como uma máquina de “moer gente”. Nesse contexto, destacamos “Carandiru” (2003) de Hector Babenco e “Holocausto brasileiro” (2016) de Daniela Arbex e Armando Mendz. Não obstante, para o autor a violência urbana é uma indústria de “moer gente” através do extermínio da juventude preta, apresentando 15 obras que demonstram como a juventude periférica sempre esteve na “mira”. Dentre elas, apontamos, “Salve geral” (2009) de Sérgio Rezende, “Rio, 40 graus” (1955) de Nelson Pereira dos Santos, “Cinco vezes favela” (1962) de Marcos Farias, Miguel Borges, Cacá Diegues, Joaquim Pedro de Andrade, Leon Hirszman, “Cidade de Deus”

(2002) de Katia Lund e Fernando Meirelles, “Ônibus 174” (2002) de José Padilha e Felipe Lacerda, obras consideradas essenciais para compreender a violência urbana brasileira.

Após percorrer os 200 anos de Independência do Brasil, tocando nos mais diversos temas e acontecimentos da história brasileira, o autor finaliza com a seguinte inquietação: “das distopias nacionais: para onde caminha o Brasil?”. Ele também afirma que pensar o futuro não é uma tarefa do historiador, e sim, dos filósofos, literatos e cineastas. Nessas distopias e caminhos do Brasil, Hamilcar Junior apresenta como sendo primordiais as seguintes obras: “Terra em transe” (1967) de Glauber Rocha, “Hitler Terceiro Mundo” (1968) de José Agripino, “Brasil ano 2000” (1969) de Walter Lima Júnior, “Branco sai, preto fica” (2015) de Adirley Queirós, “Bacurau” (2019) de Kléber Mendonça Filho e Juliano Dorneles, “Divino amor” (2019) de Gabriel Mascaro e “Medida Provisória” (2022) de Lázaro Ramos.

Ao explorar a conexão entre o cinema e a História do Brasil, o autor nos conduz a uma reflexão profunda sobre a identidade nacional e as transformações sociais que marcaram o país ao longo do tempo. A leitura deste livro é indispensável para compreender o cinema não apenas como uma forma de expressão cultural e crítica, mas também, como um poderoso meio de retratar e questionar as narrativas que moldaram nossa visão sobre os 200 anos de “independência” do Brasil. Obras como esta enriquecem nosso repertório cinematográfico e fortalecem nossa consciência histórica, destacando a importância de um diálogo contínuo entre Arte e História. Finalizamos a resenha com as palavras do autor: “O Cinema salva vidas! Salva a minha todos os dias!” (Dantas Junior, 2023, p. 5). Corroboramos com ele: também salva as nossas!

RELICI

REFERÊNCIA

DANTAS JUNIOR, Hamilcar Silveira. **200 filmes para 200 anos de Independência do Brasil:** uma referência para reflexão histórica. Curitiba: CRV, 2023.